

2017

Boletim Conjuntural

Primeiro Trimestre

ANO II



A política monetária e as expectativas – Lauro Chaves Neto
O Ajuste externo e as exportações – Ricardo Eleutério
CIPP não é só refinaria – José Maria Porto Magalhães
Mercado e desenvolvimento – Melquisedeck Santo



Boletim Conjuntural
Conselho Regional de Economia
CORECON CE
Primeiro Trimestre de 2017
ANO II

Organizadores

Lauro Chaves Neto
Ricardo Eleutério Rocha

Articlistas

Lauro Chaves Neto
Ricardo Eleutério Rocha
José Maria Porto Magalhães
Melquisedeck Santo

SUMÁRIO

Apresentação..... 3
A política monetária e as expectativas 4
O Ajuste externo e as exportações 5
CIPP não é só refinaria..... 7
Mercado e desenvolvimento..... 9

APRESENTAÇÃO

O Conselho Regional de Economia – Corecon-Ce apresenta o primeiro Boletim Conjuntural de 2017. De periodicidade trimestral, o Boletim teve início no ano de 2016 e publica artigos que tratam de temas conjunturais e estruturais da economia nacional e internacional, do Nordeste e do Ceará.

Nesta primeira edição do ano de 2017, são apresentados quatro artigos: *A Política Monetária e as Expectativas*, assinado pelo Presidente do Corecon-Ce, economista Lauro Chaves Neto. O Vice-Presidente do Corecon-Ce, professor Ricardo Eleutério Rocha, é autor do artigo intitulado *O Ajuste Externo e as Exportações*. O conselheiro e consultor José Maria Porto Magalhães Sobrinho analisa a dinâmica econômica do complexo Industrial e Portuário do Pecém no artigo *CPP não é só Refinaria*. O economista Melquisedeck Santo apresenta o artigo *Mercado e Desenvolvimento*.

Vale salientar que o Boletim Conjuntural é um espaço plural que acolhe artigos de articulistas de diferentes correntes de pensamento econômico. Como de praxe, a posição dos articulistas não se confunde com a posição institucional do Conselho. *Corpe diem*.

LAURO CHAVES NETO –
PRESIDENTE DO CONSELHO
REGIONAL DE ECONOMIA,
CONSULTOR, PROFESSOR DA
UECE E DOUTOR EM
DESENVOLVIMENTO REGIONAL.



A política monetária e as expectativas!

A Economia é movida pelas expectativas dos agentes, pessoas físicas e jurídicas, tendo essas motivações apelos racionais e outros nem tanto. Assim, criar um ambiente favorável, onde às expectativas positivas ajudem na obtenção dos resultados é um dos principais motivadores da Política Econômica. A Política Monetária, dentro desse contexto, influencia e é influenciada pelas expectativas de comportamento futuro da inflação.

Há cerca de um ano, O Brasil havia fechado 2015 com uma inflação de dois dígitos e esperava-se um resultado entre 5 e 8% em 2016, o que se confirmou. As expectativas de mercado para a inflação de 2017 se encontravam entre 5,5 e 6%. Hoje, espera-se um índice entre 4 e 5%, com tendência de queda.

Assim como as expectativas para 2018 e 2019 tiveram os seus picos no final do primeiro trimestre de 2016, recuando para 4% devido à retomada da credibilidade nas ações do Banco Central. Isso não significa que a inflação vai se comportar exatamente de acordo com as expectativas. Pelo contrário, é quase certo que isso não ocorrerá.

Por mais que o Banco Central vá calibrando a sua política monetária com o maior cuidado e precisão possível, não há como garantir que, no final de dezembro de cada ano, a inflação se encontrará exatamente na meta, já que muitas variáveis fogem totalmente ao controle do BC.

Como existe um gap temporal entre a decisão da política monetária e a reação da inflação, o comportamento de muitas variáveis a desvia sem que haja tempo para correção do BC ainda dentro do ano.

O que o mercado espera é um aumento na previsibilidade do ambiente econômico, que, sob o regime de metas para a inflação, reduza sua oscilação ao redor do objetivo, ou seja, que a sua média no horizonte de três a cinco anos fique próxima do índice estipulado como meta, aceitando-se desvios pequenos em cada ano.

Esse ambiente mais previsível acerca do comportamento da inflação será importante nas decisões empresariais para avaliar Projetos de Investimento e o seu nível de risco. Já que, com a recuperação da credibilidade do Banco Central, o mercado sempre espera uma ação firme diante de qualquer desvio de rota. Essa disciplina é que alimentará positivamente as expectativas futuras quanto ao comportamento da inflação.

4

RICARDO ELEUTÉRIO ROCHA É
VICE-PRESIDENTE DO
CORECON-CE E PROFESSOR
DA UNIVERSIDADE DE
FORTALEZA - UNIFOR



O Ajuste externo e as exportações.

O saldo da conta de transações correntes constitui o principal indicador de vulnerabilidade externa de uma economia. Na segunda metade dos anos 1990 os elevados déficits do balanço de pagamentos em conta corrente ampliaram e aprofundaram a vulnerabilidade externa do Brasil. Em 1999, quando o país recorreu ao FMI, o déficit havia alcançado 4% do PIB.

Como a balança de serviços e rendas é cronicamente deficitária, especialmente por causa das despesas com juros externos e remessas de lucros e dividendos, o saldo da balança comercial é determinante sobre o resultado da conta de transações correntes. Assim, os sucessivos e crescentes superávits comerciais no período 2001-2006 foram responsáveis pelos saldos positivos em conta corrente.

Vale salientar que o retorno dos déficits na conta de transações correntes a partir de 2008 e até 2016, não se traduziu em vulnerabilidade externa na medida em que o investimento direto estrangeiro (IDE) foi suficiente para financiar o desequilíbrio, com exceção dos anos de 2013 e 2014. O Brasil, apesar de todas as dificuldades políticas e econômicas, faz parte do grupo de países que mais atrai IDE no mundo. Em 2016 as entradas totalizaram US\$78,9 bilhões.

Com relação à balança comercial, cabe destacar os vários recordes de receitas de exportação registrados no período 2002-2011, quando as exportações brasileiras se expandiram extraordinariamente 324%. A diversificação de mercados compradores foi fundamental para o crescimento das exportações. O aumento da demanda mundial por commodities alterou substancialmente a pauta exportadora do Brasil que vinha registrando crescimento constante nas exportações de industrializados havia 40 anos. O país alcança a liderança em diversos produtos como carnes, soja, minério de ferro, açúcar e café, dentre outros, elevando a participação das commodities para 65% das exportações.

Todavia, entre 2011 e 2016 as exportações brasileiras passam a declinar sistematicamente. A queda no período é de 27,6%. Os superávits comerciais recentes, de 2015 (US\$ 19,7 bi) e 2016 (US\$ 47,7 bi), este último recorde, resultam especialmente da queda das importações de 24% em 2015 e 20,1% em 2016, decorrente da espetacular recessão de mais de 7% no biênio.

5

O processo de desglobalização e a nova onda protecionista que se abate sobre o mundo derrubou a taxa média histórica de crescimento do comércio mundial de 5,1% para 2% nos últimos cinco anos.

Com participação ao redor de 1% no comércio mundial e com exportações declinantes, a via externa não se apresenta como o caminho para a retomada da economia nacional.

JOSÉ MARIA PORTO
MAGALHÃES SOBRINHO
ECONOMISTA, ADMINISTRADOR
CONSULHADO COPECOM-CE E
CONSULTOR EMPRESARIAL



CIPP não é só refinaria.

A Associação das Empresas do Complexo Industrial e Portuário do Pecém – AECIPP, em sua reunião de 18/02/17, promoveu uma palestra proferida pelo seu Presidente, Ricardo Parente, onde foi abordado o tema “Pecém, a Nova Ordem Industrial e Logística do Ceará – Desafios e Oportunidades. Nessa reunião estavam presentes empresários e representantes de empresas que estão instaladas no Complexo Industrial e Portuário do Pecém - CIPP.

A dimensão do CIPP é algo impressionante, o que chamou-me a atenção, apesar de conhecer algumas empresas que lá estão instaladas. O Complexo está instalado numa área de 13.337 ha, sendo 7.102 ha no município de Caucaia e 6.235 ha no município de São Gonçalo do Amarante.

Para dar apoio a logística do CIPP, foi instalado o Porto do Pecém, que fica numa localização extremamente privilegiada, pois é o porto do Brasil mais próximo da África, EUA, Europa e Ásia. Para a África são somente 3 dias de viagem de navio, estando a 8 dias da costa leste americana, oito dias do porto de Rotterdam, na Holanda e 7 dias de Lisboa, em Portugal, que serve como porta de entrada para toda a Europa. O Porto tem um calado natural de 18 metros e capacidade para receber navios Post de grande dimensão. Segundo o Ricardo Parente, as rotas com origem na Ásia terão uma redução de 10 dias com a ampliação do Canal do Panamá, facilitando e agilizando ainda mais o comércio com esse Continente.

São R\$ 28,5 bilhões de investimento alocados no CIPP, gerando 50,8 mil empregos, sendo 12,7 mil empregos diretos e 38,1 mil empregos indiretos. Para se ter uma ideia da dimensão do CIPP e da sua necessidade de infraestrutura, a energia consumida no complexo, representa 17,8% da necessidade de consumo de energia do Nordeste. São empresas que usam de forma intensiva, tanto energia elétrica como água. Aliás, a água é um insumo que trem trazido grande preocupação para os empresários e para o Governo do Estado. Como solução para a crise hídrica, tem se perfurado poços artesianos e está em estudo a possibilidade de dessalinização da água do mar.

Muito se lamentou pelo não investimento na Refinaria por parte da Petrobrás, que seria instalada no CIPP, mas que infelizmente não aconteceu, pelos motivos que todos já sabem. Realmente, foi uma grande perda para o Estado do Ceará, pois além

7

da refinaria outras empresas e serviços viriam na cadeia produtiva de forma a contribuir de maneira expressiva para o crescimento do Produto Interno Bruto do nosso Estado.

No entanto, nem só de refinaria vive o CIPP. Lá estão instaladas 22 empresas de diferentes setores de atividade, como indústria de base, serviços, comércio e empresas de apoio (educação, bancos, saúde, contabilidade, jurídico, dentre outros). São empresas de energia eólica, cimento, louças sanitárias, siderurgia, logística, ração animal, usina termoeletrica, tubos de aço, fertilizantes, beneficiamento de minério de ferro e fornecimento de gás industrial. É interessante que essas empresas têm a participação societária de vários países, como Coreia do Sul, Portugal, Estados Unidos, Alemanha, Espanha, Grécia, dentre outros. Ainda estão em instalação mais 8 empresas que serão agregadas ao CIPP.

Cabe destacar a Companhia Siderúrgica do Pecém - CSP, um investimento da ordem de US\$ 5,48 bilhões, que gera 12 mil empregos e que tem como sócios as sul-coreanas Dongiluk e Posco e a brasileira Vale. A CSP vem contribuindo de forma expressiva na balança comercial do Estado com exportações voltadas totalmente para atender a demanda de seus sócios.

Segundo Ricardo Parente, são diversas oportunidade de negócios que podem ser atraídos pelo CIPP, foi citado por exemplo, serviços técnicos, serviços de apoio e suprimento de materiais.

O CIPP conta ainda com a Zona de Processamento de Exportação - ZPE, que segundo seu site é classificada como zona econômica especial, sendo uma área industrial de livre comércio, especialmente destinada à instalação de empresas preponderantemente exportadoras, para as quais são disponibilizados regimes fiscal, administrativo e cambial diferenciado.

O CIPP também conta com um Campi do Instituto Federal do Ceará – IFECE, para formação técnica dos colaboradores que irão trabalhar nas empresas do Complexo.

Em suma, O CIPP é um marco na economia do Estado do Ceará, muita coisa foi feita, mas podemos contar que muito ainda virá, de forma a contribuir com o crescimento do nosso Estado e da Região Nordeste.



MELQUIDES DE SANTO
ECONOMISTA

Mercado e desenvolvimento.

O mercado é constituído por demanda e oferta, mas que no período de crise ficam comprometidos.

A crise económica em que vivemos, sofre influência direta da inflação, dos juros e endividamento, todas em alta, criando uma parábola de demanda descendente para todos os setores da economia. Este declínio reflete o quanto a renda destinada ao consumo e investimento encolheu, deixando de atender os respectivos desejos. Vale ressaltar, que o declínio prolongado da demanda, influiu de modo negativo na produção e juntos, na geração de emprego e renda, iniciando um movimento descendente de circulação de mercadoria e serviço.

Sendo este declínio o alicerce da recessão, para recuperação, a confiança nas opções é de suma importância, creio assim, como todos os setores, que a retomada do crescimento será lenta por todo o ano, mesmo com visíveis sinais de redução inflacionária e taxa de juros, que beneficiam empresas e consumidores. Para criar um aumento no nível de consumo, a segurança e confiança são fundamentais, é óbvio que as dívidas reduzem sua capacidade de compra e investimento.

Com relação à recessão, o declínio de todos os parâmetros do desenho económico é visível. A inflação como um dos elementos da crise, nos últimos anos tem reduzido o poder de compra e impactando direto na curva de demanda e produção, influiu na empregabilidade, unido aos juros elevados, criam um ciclo em espiral descendente, resultando na recessão. Este quadro é mais difícil de reverter no curto prazo, está interligado há outros fatores, que necessitam responder de modo positivo em primeiro. A partir deste momento, o crescimento da demanda e produção exigirá novas contratações, desfazendo assim a recessão, por meio deste ciclo saudável de mais demanda, mais produção, mais emprego e mais renda.

Apesar de que no mês de janeiro de 2017, apresentou um crescimento na ordem de 2%, é verdade que é cedo para identificar o momento em que a recessão irá

9

começar a desfazer, é possível visualizar um tímido e gradual crescimento ao longo do ano, alicerçado pela redução das taxas de juros e inflação. Porém, neste momento, induzida, pelos juros, inflação e dívidas, cujo impacto penaliza a demanda e produção, a recuperação será lenta e repleta de desafios; os que mais importam, são a confiança e segurança das empresas e consumidores nas decisões e opções.